



METROPOLE

SSA-BA

22 AGO 2024

MORTE A TODO VAPOUR

Com 100 vezes mais nicotina e produtos cancerígenos, cigarros eletrônicos viraram febre entre os jovens e pode ser liberado por Projeto de Lei que propõe regulamentação. Págs. 2 e 3



Nome fundamental no combate à covid, Margareth Dalcolmo segue à frente de luta contra PL dos vapes. Pág. 4



Na Metrópole, Lilia Schwarcz analisa prejuízos do sequestro de direitos das minorias no Brasil. Pág. 11



Tragédia que adiou o Golpe Militar no Brasil, suicídio de Getúlio Vargas completa 70 anos. Pág. 12

Cortina de fumaça no Senado

Mercado com lobby milionário, cigarros eletrônicos podem ser liberados por projeto de regulamentação que segue em análise em comissão do Senado

Texto **Laisa Gama**
laisa.gama@metro1.com.br

Se de um lado a Medicina tem virado um espetáculo de negacionismo tão flagrante que poderia render um bom reality show; do outro, a ética e a saúde pública não são tratadas como artigo de luxo. Muito pelo contrário, são motivos para a luta contra a regra que parece transformar a saúde em um negócio. A batalha contra os cigarros eletrônicos é uma delas, principalmente após um projeto de lei que pretende permitir a venda desses dispositivos, que trazem uma roupagem mais atraente e novos riscos para a dependência do tabaco, responsável pela morte de 8 milhões de pessoas por ano no mundo.



joedson alves/agencia brasil

UMA CONTA QUE NÃO FECHA

A proposta de regulamentação desses dispositivos, que hoje são proibidos pela Anvisa, é encabeçada pela senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS). Na última terça-feira (20), o texto quase chegou a ser votado na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, mas, em meio à troca de farpas entre os parlamentares, foi adiado para o próximo dia 3 de setembro. Uma das justificativas apresentadas no projeto é que a regulamentação traria uma arrecadação de R\$ 2,2 bilhões aos cofres públicos.

O problema é que a conta não fecha quando se analisa os gastos atuais do tratamento dos jovens que fazem uso dos pods e gastos futuros ocasionados pela facilidade de acesso a esses dispositivos com a regulamentação. Quem aponta isso é a pneumologista Margareth Dalcolmo, defensora da proibição desses produtos. “Como podemos pensar em arrecadar impostos à custa de vidas humanas? Vamos começar a tratar jovens com câncer de pulmão aos 30 anos”, alertou (*confira a entrevista com a médica na página ao lado*).

A luta de combate aos vapes esbarra em um lobby milionário em cima da pauta. Os números dessa indústria ainda são

nebulosos, mas, para se ter uma ideia, só em 2019, os cigarros representaram R\$ 14,478 bilhões em tributos. Imaginem a receita dessas empresas e a pressão que elas podem causar no Congresso.

DO CAFONA PARA O MODERNO

Vapes, pods, e-ciggy, e-pipe. Os nomes são fofos. Os formatos também. Pequenos, modernos, coloridos, como canetas, como frasquinhos de perfume e pen-drive. Os sabores então, nem se fala. Chocolate, pipoca, algodão doce. E estão por todas as partes, na porta de qualquer bar ou balada e até na entrada de colégios. Se esse já é o cenário com a proibição da Anvisa, autorizados, eles irão estar literalmente na boca da juventude, porque esse é o público visado pelas indústrias. Os formatos, sabores e cores não são à toa. Se o cigarro tradicional se tornou cafona para os jovens, hoje os eletrônicos chegaram para atrair esse público para o perigo.

Oncologista torácica, Tércia Reis tem uma opinião muito direta sobre essa estratégia que tem como foco crianças e adolescentes: é uma pressão criminosa. Fazem deles os alvos mais vulneráveis nesse ciclo ainda



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Jairo Costa Jr., Kamille Martinho, Labelle Fernanda e Laisa Gama**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



mais vicioso. De acordo com a médica, um cigarro eletrônico pode ter até 100 vezes mais nicotina do que um cigarro branco. Por isso, hoje basta uma busca rápida em redes sociais para encontrar vídeos de menores fazendo uso dos vapes.

“O Brasil era um país referência na cessação do tabagismo, com uma boa implementação de políticas públicas. Na década de 1980 e 1990, a gente tinha quase 40% da população que fumava e reduzimos para 13%, mas sem contar com cigarro eletrônico. A sensação agora é de um retrocesso completo e de uma outra pressão da indústria, de uma forma criminosa, voltado para crianças e pros adolescentes”, acrescentou a oncologista em entrevista à **Metropole**.

joedson alves/agencia brasil



ENVOLTO NUMA FUMAÇA MORTAL

Ainda é nebulosa a composição dos pods, muitas das suas centenas de substâncias sequer vêm indicadas na embalagem. Mas já se sabe que, além da nicotina, muitas delas são tóxicas. Aquele vapor e sabor adocicado nada tem de inofensivo. A Universidade Federal de Santa Catarina e a Polícia Científica do estado, por exemplo, conseguiram identificar em uma pesquisa a octodrina, substância da anfetamina e com efeitos semelhantes. A droga foi encontrada em três marcas que circulam no Brasil. Há ainda uma série de substâncias cancerígenas identificadas em outros estudos. Por isso, 80 entidades médicas já se reuniram e assinaram uma carta contra o PL da regulamentação.

Um cigarro eletrônico pode ter até 100 vezes mais nicotina do que um cigarro branco

Bombando no mercado da ilegalidade

No assunto ilegalidade, os esteróides anabolizantes são um verdadeiro show à parte. Vendidos como se fossem vitaminas, é fácil acreditar que são legais. Também estão por toda parte: na internet, nos banheiros de academia e até prescritos por médicos, disfarçados como “reposição hormonal”. A coisa é tão escancarada que até deputado já fez propaganda para a maior fábrica de anabolizantes ilegais do Brasil.

Mesmo com a proibição do Conselho Federal de Medicina desde 2023, que impede o uso para fins estéticos ou de desempenho, o mercado de anabolizantes - ou suco, como é popularmente conhecido - continua a bombar. Segundo dados da Anvisa, só entre 2019 e 2022, houve um aumento de 45% na venda dos três principais anabolizantes industrializados (testosterona, cipionato de testosterona e undecilato de testosterona).

Para alguns especialistas, um dos principais problemas está nos profissionais que, deixando a ética de lado, prescrevem essas bombas de hormônios e provocam um festival de efeitos colaterais: tumores no fígado, hipertensão, alterações no colesterol, além de um show de horrores para a saúde mental.

O hepatologista Raymundo Paraná, um dos mais críticos dessa prática, é um dos embaixadores do projeto #BombaToFora, que reúne especialistas de diversas áreas, inclusive da Educação Física, para lutar contra o uso desses anabolizantes. Para ele, a medicina vive uma crise ética que perpetua a prescrição desses produtos. “Estamos numa crise de princípios. Geralmente, o perfil de prescritores é aquele que despreza a medicina baseada em evidências. A autonomia médica precisa ser revista, e urgente. O médico não tem autonomia para fazer mal a ninguém. Ele não tem autonomia para usar e desprezar a ciência e a evidência científica de forma alguma”, criticou.

ENTREVISTA

Margareth Dalcolmo

PESQUISADORA E PNEUMOLOGISTA

Pesquisadora e presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, Margareth Dalcolmo foi uma das referências na batalha contra a covid e agora segue à frente do combate aos cigarros eletrônicos

Mário Kertész: Como tem sido essa luta contra os cigarros eletrônicos no Brasil?

Margareth Dalcolmo: Os vapes ou cigarros eletrônicos são uma invenção muito maligna do ser humano. Dias atrás, recebi um telefonema do secretário da Saúde de Campina Grande (PB), internando uma menina de 19 anos, entubada, intoxicada por esses dispositivos. Os jovens, sobretudo, não têm o controle. Fumam o tempo todo porque o cérebro está dizendo que a dependência química precisa ser atendida. A justificativa do PL é que vamos saber pelo menos o que eles estariam usando. Uma justificativa completamente desconstruída. A outra alegação é arrecadar imposto. Ora, mas você

não pode arrecadar imposto à custa da vida de pessoas, sobretudo jovens.

MK: O lobby dessa indústria é fortíssimo, como a senhora enxerga isso?

MD: Muito forte, em uma outra escala. E imagine que teremos eleição para senador em 2026. Então, 2/3 do Senado vai ser modificado, tudo fortalece mais esse tipo de lobby. Os senadores acham que não, mas essa matemática está errada. Estive com o senador Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, que nos recebeu com extrema sensibilidade, expliquei a ele que não adianta arrecadar R\$ 2,5 bilhões de imposto e gastar R\$ 90 bilhões, R\$ 100 bilhões com saúde,

porque as pessoas que vão ficar doentes, já estão ficando doentes e são crianças, jovens. Vão desenvolver enfisema pulmonar aos 20 anos, câncer do pulmão aos 30 e vão custar ao sistema público de saúde.

MK: Como fazer para conscientizar os pais sobre os males, já que são muitos interesses e dinheiro por trás disso?

MD: Estamos fazendo aquilo que está ao nosso alcance. Como médicos, formadores de opinião, estamos falando incessantemente. Estamos nos órgãos de comunicação, nas redes de TV, o problema é que algumas estão muito comprometidas com a indústria do tabaco. Tivemos grandes jornais que fizeram reuniões financiadas pela indústria do tabaco, revestida de uma capa de cordeiro [...] eles são muito criativos e poderosos e muito sedutores também, porque a escala de recurso que está envolvido nisso é muito grande.

MK: A luta, mais uma vez, é grande e difícil, como ela continua agora?

MD: Vamos continuar e tenho certeza que é possível. Primeiro, porque não tem o menor sentido esse assunto estar no Parlamento, é um assunto regulamentado, legislado pela Agência Regulatória Brasileira, inevitavelmente, com a anuência de toda a comunidade médica e científica, por que esse assunto foi parar no Senado? O que faz um senador, com tanto problema que o Brasil tem, sair dos seus cuidados para se ocupar com o assunto de saúde, do qual o Ministério da Saúde já se manifestou?



Tratamento com imunobiológicos pode proporcionar qualidade de vida às pessoas que convivem com doenças raras e autoimunes.



Somente no Brasil, mais de 13 milhões de pessoas têm algum tipo de doença rara, sendo a maioria de origem genética, segundo o Ministério da Saúde. Apesar do levantamento estatístico, o médico reumatologista Alexandre Ibrahim conta que chegar a um diagnóstico dentro deste universo não é tão simples e rápido, mas há boas notícias. Segundo ele, que é diretor da Novaclin, unidade que integra o Grupo Cita em Salvador, ainda que a maioria dessas patologias não tenham cura, assim que a doença é diagnosticada abrem-se possibilidades de tratamentos eficazes que proporcionam saúde e bem-estar, a exemplo dos imunobiológicos.

Também reumatologista e sócia da Novaclin, Ana Teresa Amoedo afirma que o principal impacto na vida de pacientes com doença rara é o diagnóstico equivocado ou tardio, além da passagem por vários especialistas. "A diversidade de sintomas, a falta de acesso à informação e a centros especializados são os principais gargalos. Por isso, entre o aparecimento dos primeiros indícios e a concretização de um diagnóstico, estima-se um prazo de seis anos", revela, reforçando a importância dos imunobiológicos no tratamento dessas doenças.

Para a médica reumatologista Claudia Costa, que também integra o time de sócios da Novaclin, um tratamento adequado é aquele capaz de amenizar os sintomas e reduzir complicações, proporcionando qualidade de vida ao paciente e impedindo a evolução da doença. "É assim que agem os imunobiológicos, representando um verdadeiro avanço nos cuidados de patologias raras e autoimunes. As medicações imunobiológicas são produzidas de forma personalizada, ou seja, de acordo com a necessidade do paciente e correspondem aos anticorpos que atuam em lugares específicos das vias imunológicas e inflamatórias, estabilizando, assim, a doença que pode surgir em qualquer região do nosso organismo", detalha a especialista.

Diagnóstico precoce e inovação

A melhor forma de evitar o avanço de uma doença é buscar o atendimento médico de forma precoce, ao surgirem os primeiros sintomas e redobrar a atenção se houver histórico familiar. Clínica inovadora e pioneira na capital baiana em terapias assistidas com imunobiológicos, a Novaclin oferece tratamento com multiespecialidades, a exemplo da reumatologia, neurologia, dermatologia, gastroenterologia, nutrição e psicologia.

"Quando o assunto é saúde, inovação, humanização e tratamento personalizado, clínica promove discussões de casos clínicos de forma integrada, tendo como foco a promoção de melhor qualidade de vida aos seus pacientes, através do Centro de Terapia Assistida Infusional em Imunobiológicos – voltado ao acompanhamento de doenças raras e autoimunes", explica a reumatologista Juliana Bahia Cardoso, enfatizando que a Novaclin possui premiações diversas por conta dos serviços prestados, a exemplo do Prêmio Benchmarking Saúde em 2023, como clínica inovadora e referência em imunobiológicos.



71 3358.4144 | 71 98548.7982

@reumatologia.novaclin www.novaclin.med.br

Rua Leonor Calmon, 256 – Cidade Jardim



Fora do plano

Inaugurados como marcos de modernidade na cidade, planos inclinados seguem fazendo parte da rotina dos soteropolitanos, mas deixam usuários na mão com interrupções de funcionamento

Texto **Labelle Fernanda**
labelle.bastos@metro1.com.br

Em menos de dois minutos, um sobe e desce liga pontos estratégicos da cidade: os bairros da Calçada e da Liberdade. O Plano inclinado Calçada-Liberdade transporta uma média de 95 mil passageiros por mês e literalmente substituiu o inferno, ou melhor, a Ladeira do Inferno. Isso aconteceu em 1981, durante a gestão do então prefeito Mário Kertész.

Na época, o modal ficou marcado como um moderno equipamento, que facilitava o deslocamento entre o populoso bairro da Liberdade e a movimentada região da Calçada. Antes, a população precisava descer agachada para evitar tombos no percurso.

MANUTENÇÕES

Em meio a metrô, BRT e outros modais modernos, o plano inclinado da Li-

berdade, junto com o Gonçalves e o do Pilar, continua fazendo parte da rotina dos soteropolitanos. Mas não é sempre que a população pode contar com a funcionalidade desse serviço. Vira e mexe, eles se tornam um tormento para quem conta diariamente com o serviço. Neste ano, só o Calçada-Liberdade já foi interrompido quatro vezes. Duas delas em menos de um mês, entre o final de julho e o início de agosto.

Nessas paradas, o funcionamento é suspenso geralmente na sexta e só retorna na segunda. Entre os principais percalços estão pausas para manutenção, a grande campeã de paralisações, reparos nos trilhos, substituições de equipamentos e consertos corretivos no controlador de velocidade. O objetivo é garantir a segurança dos ascensores, por isso são realizadas também manutenções preventivas, diariamente.

No plano inclinado Gonçalves, por exemplo, uma das suspensões do funcionamento aconteceu após uma pane elétrica. O transporte, que liga o bairro do Comércio, na Cidade Baixa, ao Pelourinho, na Cidade Alta, cobrindo um trajeto de aproximadamente 70 metros, chegou a perder o freio e despencar, causando pânico nos usuários. Gratuitos ou com tarifas simbólicas de R\$ 0,15, a paralisação do serviço, além de mexer no bolso da população, que precisa desembolsar tarifas de ônibus e o trajeto que duraria apenas alguns minutos se transforma em horas.



tacio moreira/metropress

Mergulhados na espera

Sete anos após acidente da lancha Cavalo Marinho I, familiares e sobreviventes amargam espera por ações indenizatórias que expõe morosidade da Justiça

Texto **Daniela Gonzalez**
daniela.gonzalez@metro1.com.br

A data 24 de agosto também representa uma dolorosa espera por justiça. Sete anos após o naufrágio da lancha Cavalo Marinho I, que deixou 19 mortos e 59 feridos, as famílias das vítimas e sobreviventes aguardam respostas que parecem cada vez mais

inalcançáveis. Desde 2017, as ações indenizatórias vêm se arrastando num ciclo interminável de burocracia e decisões contraditórias. Mesmo após a fase de instrução ser concluída em 2023, uma inesperada decisão judicial transferiu os processos para a Justiça Federal, favorecendo os réus e empurrando o tão esperado julgamento para um futuro incerto.

A Defensoria Pública da Bahia, em uma tentativa de reverter essa decisão, chegou a inserir recursos para manter os casos na Justiça estadual. No entanto, até o momento, a definição final sobre a competência judicial permanece em aberto, deixando as famílias à mercê do sistema. Esse longo caminho de impunidade reflete a morosidade e os entraves burocráticos da Justiça.

alberto maraux/ssp



CIDADE



METROPOLE

Ondas de dor

Para os que sobreviveram, a travessia diária continua sendo uma necessidade inevitável, agora acompanhada de medo, depressão e estresse pós-traumático. Cada dia traz à tona as memórias daquele fatídico 24 de agosto. Adailma Santana Gomes, de 27 anos, foi uma dessas sobreviventes. Profundamente marcada pelos traumas, acabou tirando a própria vida meses após o acidente. Sua família luta para que ela seja reconhecida como a 20ª vítima da tragédia, um

reflexo do impacto devastador que o naufrágio teve não apenas no dia, mas nos meses e anos seguintes.

Naquele dia, rotinas foram interrompidas, vidas foram tragicamente abreviadas, e outras foram poupadas por um fio. As perguntas continuam a ecoar: por que a lancha, sem condições adequadas, estava no mar? Como foi permitido que tantas vidas fossem colocadas em risco? Quem deve ser responsabilizado por essa tragédia? E por que a demora?

tacio moreira/metropress





Um SUS da Segurança e um Congresso de generais e delegados

Bob Fernandes

Jornalista

Uma manchete em um portal de notícias traz o seguinte título: PMs de São Paulo dizem ter matado mais de 25 na carreira. Admitamos que foram 25 mortes absolutamente inevitáveis, que eles estavam cobertos de razão, a pergunta é a seguinte: como duas pessoas que matam 25 continuam atuando na rua? Como não tem um afastamento como em qualquer polícia do mundo? Uma conversa com terapeuta?

Compreende-se. O capitão Tarcísio Freitas é o governador, Guilherme Derrite é o secretário de segurança, que é um matador confesso, o candidato a vice agora do prefeito Ricardo Nunes é alguém que veio da Rota, o Coronel Mello

Araújo (PL). Então você tem uma lógica e uma cultura nessa história.

Mas para não dizer que é só São Paulo, tem outra manchete, do Guardian, jornal britânico, que fala sobre as mortes na Bahia. É no Brasil todo. Tem a ver com grupos criminosos, milícias. Agora há um plano a ser anunciado pelo ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, e eu acho fundamental. O governo tem que tratar com absoluta urgência, porque o tema violência vai ter custo, além do custo real de vidas, vai ter custo político.

O plano propõe que as polícias integrem um todo. É o chamado SUS da Se-

gurança. A dificuldade desse plano é que uma integração pressupõe que as polícias se autoconhecerão e eu me pergunto quantas das polícias do país querem essa integração e serem “mutuamente” conhecidas nas suas práticas. O ministro vai enfrentar uma grande dificuldade para tornar isso efetivo, inclusive para passar isso no Congresso, coalhado de generais e delegados deputados.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa Três Pontos, da Rádio Metropole, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

fernando fração/agencia brasil



O plano vai ter desafios, inclusive para passar no Congresso, coalhado de generais e delegados deputados

O governo federal tem que tratar com urgência, porque o tema violência vai ter custo, além do custo real de vidas, vai ter custo político

SSA - BA



METROPOLE

três pontos ↗

101.3FM



**com Bob Fernandes,
Janio de Freitas,
Sérgio Augusto
e Mário Kertész**

Todas às quintas ao meio-dia
Na Rádio e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)
Reprise às sextas - 19h



O coach e o fogo no parquinho

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

São Paulo, a capital, é, nesta eleição, a mais nítida ilustração do espetáculo nonsense em que se transformaram as disputas eleitorais no mundo. A realidade ao redor não tem a menor importância e o jogo da disputa se dá em torno de um roteiro em que verdade e mentira se equivalem. São exemplos disso as campanhas de Donald Trump e as estratégias construídas nas redes sociais e nos grupos de Telegram e WhatsApp para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Agora, nas eleições municipais de 2024, o coach e milionário Pablo Marçal é o modelo desse novíssimo modo de fazer campanha. Os métodos foram aprimorados à enésima potência, com potencial de implodir a matrix do ma-

rketing político como funcionava até aqui. Aos 37 anos, completamente à vontade na persona que ativa, de boné, com os dedos das mãos em M e um repertório de provocação a tudo e todos, Marçal tem sido implacável.

Marçal é de tal modo incontrolável e domina tanto as estratégias de performance no ecossistema digital que, em duas semanas, implodiu não apenas o controle dos adversários, mas também o esforço da direita paulistana para fingir costume e normalidade com ele em cena. Desestabilizou até mesmo Jair Bolsonaro, que o vem chamando de mentiroso e lhe nega apoio. Outro efeito foi a recusa dos adversários Ricardo Nunes, José Luiz Datena e Guilherme Bou-

los em participar do terceiro debate com Marçal, em uma universidade privada em São Paulo.

Com a direita tonta e os adversários se recusando a estar onde ele estiver, o coach que parece saído de um episódio das primeiras temporadas de Black Mirror capitaliza essas reações transformando-as em mais desenvoltura. Depois disso já produziu peças anunciando em seus nichos o medo dos adversários de enfrentá-los. No jogo que se jogava até aqui no teatro das campanhas, Marçal é bomba que ninguém sabe como desarmar. Nem os observadores do seu campo ideológico estão à vontade. E engana-se quem acha que não falando do fenômeno ele se autodestruirá.



Na campanha pela prefeitura de São Paulo, a realidade ao redor não tem a menor importância e o jogo da disputa se dá em torno de um roteiro em que verdade e mentira se equivalem





O melhor regime, enquanto não inventarem outro

Imortal da Academia Brasileira de Letras, antropóloga Lilia Schwarcz analisa como o sequestro a direitos das minorias faz com que o Brasil perca mentes e possibilidades

RÁDIO



METROPOLE

Texto Redação

redacao@metro1.com.br

O tal do mérito ganhou outros contornos nos debates sobre democracia. Alargou o conceito para conseguir justificar a filtragem que a desigualdade, o racismo, o machismo e outros ismos fazem na chegada aos espaços de poder. “Quem chega lá é porque tem mérito, quem não chegou não se esforçou o bastante”. Imortal da Academia Brasileira de Letras, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz é uma das intelectuais que rebate a ideia. Em entrevista à **Metropole**, ela classificou o mérito como mais uma versão do “mito da democracia racial”, corrente que nega a existência do racismo no Brasil.

“Sabemos que as pessoas negras não têm os mesmos direitos. Durante séculos foram proibidas de ter educação. Sabemos que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão mercantil e nunca trabalhamos no sentido real da inclusão social.

Não que não exista mérito, mas as pessoas não têm acesso ao mérito da mesma maneira”, afirmou.

Se podemos falar em esforço, aqueles que tentam justificar a filtragem aos espaços de poder têm se esforçado. Além do mito do mérito, eles adotam as críticas aos movimentos identitários, defendem que eles segregam ao invés de unir. Mas, para Lilia, essas narrativas partem de um falso pressuposto de que os direitos são iguais. “É uma falácia da nossa democracia. A democracia é o melhor regime, enquanto não for inventado outro. Mas na Grécia já começou desigual. Não votavam estrangeiros, mulheres, negros. Em um país tão desigual como o Brasil, é muito difícil falar em direitos iguais, em direitos igualados”.

A aprovação da PEC da Anistia, que perdoa multas de partidos que descumpriram cotas raciais em eleições passadas, mostra, segundo Lilia, como o país está mergulhado em um ciclo vicioso que não corrige o cenário de representatividade e

desigualdade. Enquanto isso, 55% da população não tem acesso às posições de protagonismo e “o Brasil segue perdendo mentes e possibilidades”.

Não que não exista mérito, mas as pessoas não têm acesso ao mérito da mesma maneira

Lilia Schwarcz

Historiadora e antropóloga

Uma bala na história

Há 70 anos, o suicídio do então presidente Getúlio Vargas mudava os rumos do país, adiando os planos dos militares golpistas



Texto Redação

redacao@metro1.com.br

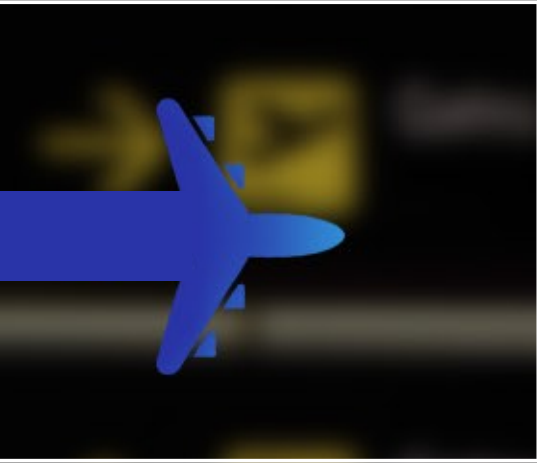
Era 24 de agosto de 1954, uma terça-feira aparentemente comum, mas que entraria para a história. Crianças voltavam do colégio sem aula, trabalhadores que se preparavam para o dia pareciam perdidos e ouvintes do rádio mal podiam acreditar: no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, o presidente Getúlio Vargas havia cometido suicídio. A bala de um revólver calibre 32 o levou para os livros de História e adiou o Golpe Militar.

O Brasil enfrentava uma de suas piores crises políticas. Vargas estava sob intenso assédio, inclusive da imprensa e a perseguição ganhou outro nível com o episódio conhecido como Atentado da Rua Tonelero, uma ação violenta cujo alvo era Carlos Lacerda, principal opositor do presidente. O ataque resultou na morte do major-aviador Rubens Florentino Vaz. “O atentado não tinha a ver com Getúlio Vargas especificamente, mas tinha a ver com uma figura muito próxima, Gregório Fortunato, que tomou para si as dores de seu patrão, cujo adversário o defenestrava cotidianamente”, lembrou o historiador Carlos Zacarias em entrevista à **Metropole**.

MUDANÇA DE RUMOS

Oposição, militares e a população pressionavam por sua renúncia. Enquanto isso, alguns ministros aconselhavam Vargas a continuar no cargo e, quem sabe, acabar com a guarda nacional. Na noite de 23 de agosto, o presidente teve uma reunião dramática com seus ministros, se recolheu aos seus aposentos e, ao amanhecer, as rádios já anunciavam em edição extraordinária o suicídio de Getúlio. O ato mudou os rumos do país. A população saiu às ruas, dessa vez, em apoio ao “Pai do Povo”, e, com os militares surpreendidos, o golpe planejado foi adiado por 10 anos.

“As classes dominantes no Brasil costumam mobilizar a ideia de que os governos estão envolvidos em corrupção para poder atacar os políticos, porque a ideia de que os políticos roubam é uma ideia muito fácil de ser assimilada pelas pessoas [...] Foi o que aconteceu em 1954”, refletiu o professor.



Plus viagens sua escolha **inteligente** na hora de **viajar**



Deixe a gestão
da sua **viagem**
corporativa conosco

FALE COM A GENTE

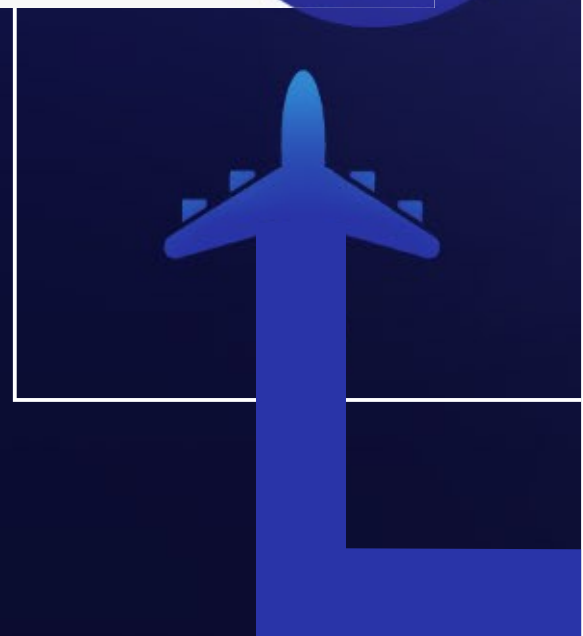


**TELEFONE &
WHATSAPP**

(71) 3045-8700



plus viagens
corporativo-eventos-incentivos





Silvio Santos e meu primeiro contato com a miséria profunda

James Martins

Fui um menino pobre. Mas também, como escreveu Manuel Bandeira, “menino fui, como os demais, feliz”. A verdade é que criança tem pouca consciência da pobreza. A gente brincava naquela ladeira do Curuzu com a alegria típica da idade e eu, além do mais, era um menino pobre que tinha até brinquedos. Não apenas os brinquedos comuns de criança pobre, como bolinhas de gude, arraia, guiador... mas também bonecos industrializados, carrinhos de pilha etc etc, que ganhava de meu pai ou de minha tia Babi – vendedora na “Estrela” e, portanto, com acesso facilitado à brinquedolândia. O fato é que ter um pai presente já me colocava em outra situação em relação a muitos dos meus amiguinhos e vizinhos. E que pequenas diferenças orçamentárias podem significar a distância entre ter ou não ter o que comer na faixa social em que nasci.

Mas a primeira vez que lembro ter-me dado conta realmente do que era pobreza tem a ver com Silvio Santos. A gente gostava de brincar de Porta da Esperança, o famoso programa onde o participante tinha direito de fazer um pedido dos sonhos e torcer para ser atendido ao abrir da mesma. No nosso caso, a gente só dizia o que iria pedir se tivesse a sorte de ir lá. “Um avião a jato”, “uma televisão a cores de 100 polegadas”, “todas as bonecas da Barbie”... eram os desejos típicos. Até que Marta, uma menina que veio do interior do interior para trabalhar na casa de minha avó em troca de casa e comida, abriu a boca: “Meia dúzia de pratos”! Todos rimos, é claro. Mas o pedido maluco de Marta me inquietou profundamente. Ela era pobre até pra pedir.

Minha mãe tentou me explicar que, de onde ela vinha, ter pratos era um luxo, assim como ter comida, muitas vezes comida em folhas de bananeira. Mas não bastava a explicação. Descobri para sempre que certas situações podem entranhar a pobreza no ato de pedir, de sonhar, de imaginar, de ter esperança. Era estranho, doloroso, fascinante... algo assim como descobrir a face de Lombardi vendo a cara do Brasil.



divulgacao/sbt

ARTIGO

METROPOLE

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Lacerda

Pensando muito naqueles R\$ 19,70 que gastei em um lanche no dia 26 de fevereiro e que hoje estão me fazendo falta.

Só os loucos sabem

Desconforto térmico: com uma coberta fica frio, com duas fica calor, ou seja, preciso de uma esposa.

Nega Lôra

O pessoal ainda fica na dúvida se Da Vinci era gay. Ele pintou uma mulher, não sexualizou ela e ainda chamou de mona. Evidentemente não foi um trabalho feito por um hétero.

Fausto Silva

Namoro isso, amizade aquilo. E ninguém menciona o verdadeiro culpado dos seus amigos sumirem, que é trabalho em cima de trabalho e escala 6x1.

Guto

Precisamos falar sobre a bomba de serotonina que é ouvir uma música que você amava e tinha esquecido que existia.

Buçanha

Nada mais perigoso do que o ego do procrastinador que SABE que vai conseguir entregar a tarefa no apagar das luzes.

Robertinha

Vou compartilhar um segredo com vocês: eu chego no trabalho com um semblante de preocupação, como se algo tivesse acontecido só pra disfarçar que eu cheguei atrasado porque simplesmente perdi o horário.

Zema

E agora que a única pessoa que poderia me oferecer dinheiro morreu? Alguém ressuscite o Silvio Santos!!

Boto Cor-de-rosa

Esquecer o fone de ouvido em casa é o equivalente a sair sem a espada no período medieval.

Filho de Jack

Tem um cara aqui na academia usando uma camisa com os dizeres: "Treine até que seus ídolos se tornem seus rivais". Não sei como musculação vai fazer Lady Gaga virar minha rival, mas vamos lá né.

Linalva

Feriado do dia 7 de setembro cai em um sábado. Por quais outras privações teremos que passar???



BAHIA SEM FOME É GOVERNO PRESENTE

O Governo do Estado trabalha para garantir comida e dignidade para todo o povo baiano, até que ninguém mais passe fome. Esse é o maior compromisso do programa Bahia Sem Fome. A Nova Bahia é assim: a nossa maior obra é cuidar de gente.



COMIDA NA MESA DE MAIS DE 180 MIL FAMÍLIAS



O PROGRAMA COMIDA NO PRATO DISTRIBUI 2,2 MILHÕES DE REFEIÇÕES



GOVERNO PRESENTE
FUTURO PRA GENTE